



Instituto de Humanidades e Letras

Campus dos Malês

BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES

AMADÚ VICTOR BEDAM

**A IMAGEM DA ÁFRICA NO RECÔNCAVO BAIANO: CONCEITOS
SOBRE AFRICANOS EM SÃO FRANCISCO DO CONDE-BAHIA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

AMADÚ VICTOR BEDAM

Projeto de pesquisa

**A IMAGEM DA ÁFRICA NO RECÔNCAVO BAIANO: CONCEITOS
SOBRE AFRICANOS EM SÃO FRANCISCO DO CONDE-BAHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira – UNILAB como
requisito para obtenção do título de
Bacharel em Humanidades.

Orientador: Professor Dr. Gerhard Seibert

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB**

Projeto de pesquisa

**A IMAGEM DA ÁFRICA NO RECÔNCAVO BAIANO: CONCEITOS
SOBRE AFRICANOS EM SÃO FRANCISCO DO CONDE-BAHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Data da Aprovação: 28/07/2017.

Orientador: Karl Gerhard Seibert

Doutorado em Ciências Sociais – Estudos Africanos – pela Leiden University, LEIDEN, Holanda.

Professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

1ª Examinadora: Juliana Barreto Farias

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (2003), fez o mestrado em Antropologia Social no Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social - México (2008).

2ª Examinadora: Mariana da Costa Aguiar Petroni

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP); possui graduação em História pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente Professora Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	JUSTIFICATIVA	14
3	OBJETIVO GERAL	17
3.1	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	18
4	METODOLOGIAS	19
5	CRONOGRAMA DO TRABALHO	20
	REFERÊNCIAS	21

1 INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa visa analisar as possíveis origens das imagens, estereótipos e dos conceitos errados que a população de São Francisco do Conde tem sobre a África e os africanos. O ponto de partida é que a maior parte dos franciscanos, se não da população do todo Recôncavo Baiano, considera todos os africanos de “angolanos”. Apesar de a África ser o continente mais próximo do Brasil, desde as relações históricas e semelhanças humanas, sobretudo na Bahia onde cerca de 80% da população é afrodescendente, ela é desconhecida pela grande maioria da população brasileira e franciscana em particular. Para alguns franciscanos África é um país e Angola é a capital, portanto, toda essa visão destorcida sobre o continente com 54 países tem de certa forma a sua gênese. Visto que Angola não é o país da África mais próximo do Brasil geograficamente falando, e os angolanos não são a maioria dos estudantes africanos em São Francisco do Conde, ou seja, desde a primeira entrada dos estudantes de cinco países africanos da língua oficial portuguesa em 2014, até meados de 2016, tinha apenas uma única angolana e a maioria esmagadora foi da Guiné-Bissau. Mas todos os estudantes africanos oriundos destes cinco países diferentes foram, e são tachados de angolanos no município de São Francisco do Conde.

Desta feita, desencadeou-se a necessidade de saber a razão desta generalização e quais são os elementos que sustentam este estereótipo, para que finalmente possa contribuir com eficácia em expor a imagem da África diferentemente do que é projetada durante muitos anos. O projeto pretende demonstrar a distinção dos africanos pelo menos pelas nacionalidades, e ajudar o público franciscano em diferenciar os africanos de acordo com as suas nacionalidades. O objetivo da pesquisa é também contribuir para a desconstrução do presente pseudo angolano e os “estranhamentos” sobre os estudantes africanos no Recôncavo Baiano principalmente em São Francisco do Conde onde se encontra o maior número dos estudantes africanos no Estado da Bahia, devido ao próprio projeto da UNILAB que visa contribuir para integração entre os estudantes brasileiros e africanos dos países membros da Comunidade dos Países da Língua Portuguesa (CPLP). Ao falar dos conceitos e das imagens da África e sobre os africanos no município de São Francisco do Conde é extremamente importante começar pelo Recôncavo, para melhor contextualizar a cidade, sendo ela, uma parte do Recôncavo. O Recôncavo da Bahia

é uma área continental que se apresenta na forma côncava das zonas mais produtiva e antiga do Brasil, situado no Estado da Bahia nordeste do Brasil. Na Bahia existe uma reentrância histórica chamada Baía de Todos os Santos¹, assim as cidades que se encontram a volta dela são as que fazem parte do Recôncavo Baiano, e uma parte das cidades que integram a região metropolitana de Salvador, a capital do Estado da Bahia. Quanto à delimitação territorial do Recôncavo, segundo os dados de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2000, as cidades que compõem o Recôncavo Baiano como ilustra Jaciara de Santana (2011) é de 33 municípios, a saber: Amargosa, Aratuípe, Brejões, Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macedo Costa, Elísio Medrado, Governador Mangabeira, Itatim, Jaguaripe, Jiquiriça, Laje, Maragogipe, Milagres, Muniz Ferreira, Muritiba, Mutuípe, Nazaré, Nova Itarana, Salinas da Margarida, Santa Terezinha, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Felix, São Miguel das Matas, Sapeaçu, Saubara, Ubaíra e Varzedo.

Para a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais (SEI) 2010, o Recôncavo Baiano é constituído por 20 municípios: Cabaceira do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macêdo Costa, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Felix, São Francisco do Conde, São Sebastião de Passé, Sapeaçu, Saubara e Varzedo. Considerando-as como partes do território de identidade do Recôncavo. Assim, o Recôncavo Baiano é nada mais do que cidades que circundam a Baía de Todos os Santos, como advertiu Jaciara Santana (2011). “Pode-se afirmar que o Recôncavo Baiano é uma faixa de terra que circunda a Baía de todos os Santos, abrangendo os municípios desta região a partir do limite marítimo, com suas características distintas do solo do Recôncavo”. Desde 1550 até final de 1800, a principal economia do Recôncavo se encontrava nas usinas e engenho de açúcar. No princípio de 1950, deu-se início a nova fase na economia do Recôncavo e em São Francisco do Conde, que é a exploração do petróleo, que continua liderando a economia da região e do município até os nossos dias. O Recôncavo é reconhecido como região muito rica em petróleo, na agricultura, no

¹ Baía de Todos os Santos é uma reentrância da costa litorânea brasileira localizada no estado da Bahia. Estende-se por 1 233 km², com profundidade média de 9,8 metros, chegando até 70 metros, com visibilidade de mergulho entre 10 e 20 metros. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ba%C3%ADa_de_Todos-os-Santos acesso 15/06/2017

cultivo de cana-de-açúcar e no fumo bem como na criação de gado, devido a fertilidade do solo que a região tinha, e ainda tem. O advento petrolífero mudou o rumo da região, desde o crescimento da população até no desenvolvimento dos municípios, embora não sejam tão grandes, traz pelo menos algumas coisas novas para os habitantes do Recôncavo.

O município de São Francisco do Conde começou a se desenvolver nas diversas áreas principalmente na economia local. Ele fica localizado no Estado da Bahia, é uma pequena cidade com uma área de 269,609 km² e 39.790 habitantes segundo a estimativa do IBGE 2016, tem uma distância de aproximadamente 80 km a capital baiana (São Salvador). A maioria da população é negra como afirma o Lívio Sansone, “Cinquenta anos depois nos deparamos com uma cidade radicalmente mudada. Segundo os dados do Censo, São Francisco do Conde tinha cerca de 11.000 habitantes em 1950 e 26.250 em 2000. Desses, os brancos eram cerca de 9% em 1950 e 8% em 2000” (SANSONE, 2005 p 239). Atualmente o número da população negra é mais de 90%. É considerado um dos municípios mais ricos do Brasil, e terceiro mais rico da região Nordeste com o produto Interno Bruto (PIB) de R\$ 3.575. 292 mil e R\$ 106 050,84 PIB per capita segundo os dados de IBGE 2011. A grande parte vem das contribuições de impostos das produções e refino de petróleo pela refinaria RLAM da Petrobras.

São Francisco do Conde tem as suas origens remotas como aborda Jorge do Espírito Santo (2000, p. 17):

O município tem as suas origens numa antiga sesmaria de D. Fernando de Noronha Linhares. E a cidade, que nos primeiros tempos era apenas um sítio, onde, pelas suas condições de salubridade, a cavaleiro do mar, aglomeravam-se os primeiros colonizadores, tem suas raízes que tomara a denominação de São Francisco do Sítio ou Sítio de São Francisco em homenagem ao orago sob cuja invocação foram construídas no topo da mais linda colina que ali se encontra, um convento e uma igreja, inaugurados em 1618.

Antes de 1697, quando então vila foi emancipada, o município de São Francisco do Conde, era parte de Salvador e era conhecida pelas suas usinas e o cultivo de canas de açúcar. Este município deixou de pertencer a Salvador em 1697. Hoje o município é composto por três (3) distritos, a saber: São Francisco/Sede, Mataripe e Monte Recôncavo em divisões datadas de 2007. Em 1950, deu-se início a uma nova fase na economia da cidade, com a instalação da primeira Refinaria a

Landulfo Alves em Mataripe (RLAM). Entre 2012 a 2013, a prefeitura de São Francisco do Conde sob a liderança da ex-Perfeita a falecida Rilza Valentin fez um grande esforço político para que o projeto da UNILAB chegasse ao município. O sonho finalmente se realizou no ano 2014, embora tivesse muitas dificuldades para hospedar os estudantes. A prefeitura foi bem prudente em liberar um edifício municipal para os cursos funcionarem enquanto a construção do edifício da UNILAB se encontra em andamento; aliás, pensou também no futuro e no suposto desenvolvimento da cidade e nos franciscanos. Com a implementação de uma universidade de caráter internacional, a cidade beneficiou bastante com ela. Além da oportunidade para algumas pessoas ingressarem a ela, assim como para o impulso no crescimento na área de comércio. A presença dos estudantes africanos e dos brasileiros vindos dos outros Estados do Brasil acabou alterando o preço do aluguel das casas, fato que minimizou inteiramente as dificuldades de alguns franciscanos. Uma coisa de se louvar também é o aumento do número dos jovens franciscanos na universidade neste último semestre, estes e outros são os benefícios que a UNILAB trouxe para a cidade, bem como para o Recôncavo Baiano. Sendo ela a segunda universidade federal no Recôncavo e a primeira em São Francisco do Conde.

Em algumas cidades vizinhas como Candeias, Santo Amaro, Saubara e em Socorro, parte do distrito de São Francisco do Conde, fui chamado de angolano, em resposta tentei explicar algumas pessoas de que não sou angolano, enquanto as outras não, dependendo do momento em que fui chamado. Em São Francisco do Conde, atualmente pelo menos algumas pessoas já sabem que os estudantes estrangeiros que estão na cidade não são todos angolanos. Entretanto, para outras pessoas todos vieram de Angola, enquanto algumas dizem simplesmente “não são angolanos, eles são africanos” pensando que a África é um país. Percebe-se que a integração entre estes dois mundos resulta no processo de aprendizagem recíproca no município, no entanto a inquietação aumenta quando uma pessoa me chama de angolano depois de três anos de convivência entre franciscanos e estudantes africanos na cidade. Portanto, vale a pena falar da África em todo o Brasil porque estes lugares têm muita coisa em comum, por exemplo a semelhança climática no Nordeste do Brasil, na cultura e outros, particularmente na Bahia e no município de São Francisco do Conde em especial. A grande importância do continente africano na demografia e cultura na Bahia tem tudo a ver com as fortes relações que territórios

africanos mantiveram durante o período de escravidão através do tráfico dos escravos com o porto de Salvador. É interessante falar sobre África e dos africanos em São Francisco do Conde, por ser uma das cidades baianas com o maior número da população negra como já foi referido, e com a grande presença das heranças das culturas africanas, bem como a prática da religião de matriz africana como o Candomblé e a Umbanda, por isso os baianos, sobretudo, deveriam saber no mínimo algumas realidades sobre a África, assim como das suas próprias origens, pois afinal das contas são afrodescendentes.

Uma ação importante na promoção e na valorização da história da África no Brasil foi a implementação da lei 10.639/03, que passa a vigorar nos estabelecimentos do ensino fundamental e médio, tanto nas escolas particulares quanto nas oficiais, tornando-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira incluindo a história da África, sendo uma das conquistas dos movimentos negros brasileiros, com o intuito de resgatar a contribuição do povo negro no Brasil, assim como reduzir a discriminação e o preconceito racial vigente no país. Esta lei poderia efetivamente ser uma contribuição eficaz para um conhecimento mais amplo sobre a África e os africanos no Brasil, particularmente em São Francisco do Conde, se realmente tivesse um acompanhamento e uma atenção condigna nos estabelecimentos do ensino. Não obstante, verifica-se o “despreparo do corpo docente em lidar com essa temática” segundo Adelmir Fiabani (2010). Em praticamente todo o Brasil, os cursos de História foram constituídos com currículos que não comportavam a cadeira de História da África. No antigo modelo de universidade, os conhecimentos sobre o continente africano eram apresentados juntamente com os demais conteúdos, muitas vezes, de forma equivocada ou estereotipada. Por muito tempo, a África foi representada como o lugar dos escravos, da fome, dos conflitos étnicos e da pobreza.

Estas informações estereotipadas dos brasileiros relativamente à África, que acaba refletindo nas perguntas em São Francisco do Conde como: você já viu leão? Dorme nas árvores? Há carros na África? Sabes andar de bicicleta? Etc. Existe realmente uma longa história para narrar a respeito destes estudantes, principalmente no que se trata do clima quente. Quando um africano pede “carona”, por exemplo, do centro da cidade para a universidade, muitas das vezes motoristas se perguntam por que não andam? Até porque é perto. Geralmente, os africanos se alegam a questão do sol, daí vem a ideia de que o clima da África é mais quente reproduzindo ela como

um país. Também deparamos com o preconceito de que os africanos cheiram mal e, ao mesmo tempo, iam trazendo doenças para cidade. Essas perguntas e especulações eram mais fortes em 2014, na altura em que alguns países da África, nomeadamente: Libéria, Serra Leoa e Guiné-Conacri foram assolados pelo surto da Ebola². Na altura, os africanos que se encontravam no município sofreram com isso. Estas e outras imagens do “africano selvagem” e conceitos distorcidos sobre o continente devem ser desconstruídos por dentro da África a partir de um olhar africano. Entretanto, isso não quer dizer que só os africanos podem reescrever a história da África sem as imagens caóticas projetadas pela “força das circunstâncias”, muito pelo contrário, ela pode ser contada por quem quer que seja já que os seus estudos não carregam nenhum preconceito e se baseia nos fatos que realmente correspondem mais ou menos a realidade africana, como adverte o historiador burkinabe Joseph Ki-Zerbo (2010, p. 32):

Com efeito, a história da África, como a de toda a humanidade, é a história de uma tomada de consciência. Nesse sentido, a história da África deve ser reescrita. E isso porque, até o presente momento, ela foi mascarada, camuflada, desfigurada, mutilada. Pela “força das circunstâncias”, ou seja, pela ignorância e pelo interesse. Abatido por vários séculos de opressão, esse continente presenciou gerações de viajantes, de traficantes de escravos, de exploradores, de missionários, de procônsules, de sábios de todo tipo, que acabaram por fixar sua imagem no cenário da miséria, da barbárie, da irresponsabilidade e do caos. Essa imagem foi projetada e extrapolada ao infinito ao longo do tempo, passando a justificar tanto o presente quanto o futuro.

Portanto, para uma compreensão do passado histórico e contemporâneo dos africanos no Recôncavo Baiano e no município de São Francisco do Conde, que possivelmente deu a origem aos preconceitos e as imagens no município. Procurei o embasamento nos autores que trabalham os conceitos raciais no município de São Francisco do Conde, contato entre Angola e Bahia a partir do tráfico dos escravos, e algumas transformações no Recôncavo da Bahia como: Lívio Sansone, Jaciara de Santana, Flávio Sombra Saraiva, Cristiana Ferreira Ximenes e José Jorge Espírito

² Ebola doença do vírus Ebola (anteriormente conhecida como febre hemorrágica Ebola) é uma doença grave, muitas vezes fatal, com uma taxa de letalidade que pode chegar aos 90%. A doença afeta os seres humanos e primatas não-humanos (macacos, gorilas e chimpanzés). Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/links-de-interesse/1068-ebola/14567-o-que-e-a-doenca-causada-pelo-virus-ebola> acessado 05/07/2017

Santo. Lívio Sansone abordou de uma forma sucinta a questão racial e econômica de São Francisco do Conde desde 1550, período em que a economia estava baseada no maior produto global da época que era o açúcar. Mais tarde a exploração do petróleo desde 1950 e o desenrolar da economia da cidade até final de 2005 a início de 2006. No que diz respeito à herança da cultura africana no município, ele afirma que a cidade é conhecida como uma das retaguardas da cultura afro-brasileira, um lugar onde provêm as tradições de samba-de-roda, a culinária afro-baiana e boa parte do artesanato tido como (afro-) baiano. Falou também da questão da desigualdade social que se verifica no município, em que destacou as então elites, como as riquezas foram transmitidas de geração a geração desde os tempos primórdios, e explicou como a transição na economia açucareira para a petrolífera, trouxe as mudanças positivas na comunidade franciscana.

Percebe-se que, o contato dos franciscanos com os africanos é de tempo remoto, a escravidão é o marco inicial no que tange ao contato entre África e Bahia. Ultimamente o contato foi reestabelecido através da UNILAB, e um dos efeitos da escravidão é a presença do legado de cultura africana na tradição da cidade. A cidade é uma memória de algumas práticas da origem africana. Mas existem também o contato recente que merece a atenção para este projeto, que é a chegada dos estudantes africanos no município em 2014, a convivência dos Estudantes Africanos em São Francisco Conde, nos primeiros momentos deriva nos “estranhamentos” que acaba refletindo em algumas imagens e conceitos sobre África e africanos. Outro autor que faz referência sobre São Francisco do Conde é o professor José Jorge do Espírito Santo que, no seu livro Resgate de uma Riqueza Cultural, fez um resgate da realidade franciscana desde 1552 a 1950, demonstrando um pouco da história das tradições culturais, isto é, um pouco da sabedoria popular de São Francisco do Conde. Apresentou algumas transformações que a cidade tem enfrentado com a exploração do petróleo ao longo daquele período. Transformações estas que se desenvolveram até aos nossos dias trazendo grandes mudanças positivas como o aumento de número das escolas e o exemplo do aumento da população local, sobretudo o crescimento significativo da economia municipal. Traz também um novo paradigma no desenvolvimento da cidade no ponto de vista cultural, como o caso das manifestações populares, capoeira, Maculelê e outras grandes manifestações do

caráter africanas que são afro-brasileiras apresentadas nas festas municipais e nos grandes eventos da cidade. Espírito Santo afirma que:

A partir de 1943 ao se iniciar, a descoberta do petróleo nos vastos campos do Recôncavo, um novo alento sacudiu as populações regionais: do subsolo daquelas mesmas áreas geográficas onde floresceram, durante séculos, as civilizações agropastoris, passa a jorrar a esperança e a prosperidade. E agora a antiga e valorosa vila de São Francisco do Conde representa um dos centros mais dinâmicos de produção e processamento petrolíferos nacionais. (Espírito Santo, 1998, p 23).

Uma autora que faz referência neste projeto de pesquisa é a Jaciara Santana resolveu abordar de uma forma mais detalhada o desenvolvimento histórico do Recôncavo Baiano e a cidade de São Francisco do Conde, focalizando o seu passado colonial, e revestindo uma reflexão sobre o São Francisco do Conde quanto ao seu desenvolvimento urbano. Cristiana Ferreira por sua vez falou das duráveis relações que o Estado da Bahia estabeleceu com a Angola durante o período de escravidão. Afirmando na sua tese de Doutorado em (2012, p 117) que: As Relações comerciais existentes entre Angola e Brasil persistiram durante todo o tempo de duração do tráfico negreiro e além dele. Manteve-se contínua, porém variando de intensidade, mesmo com o redirecionamento deste comércio para região da Costa da Mina. Alvarás de licenças concedidos a comerciantes estabelecidos na Bahia demonstram que, mesmo no final do século XVII, quando a navegação da Bahia se abre para a Costa da Mina, o comércio com os portos de Luanda e Benguela permaneceu ativo.

2 JUSTIFICATIVA

O que impulsionou a realização deste trabalho é para entender as origens dos preconceitos e as imagens distorcidas que os franciscanos têm sobre a África e os africanos. Em meados de 2013 a início de 2014, circulava por todo o recôncavo baiano, sobretudo, na cidade de São Francisco do Conde a notícia de existência da UNILAB³. É de salientar que esta já existia em Redenção e Acarape no Estado do Ceará desde o ano 2011. A instituição é uma autarquia vinculada ao Ministério da Educação da República Federativa do Brasil. Foi criado pela Lei nº 12.289 de 20 de

³ UNILAB, **Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira** as informações sobre esta instituição estão disponíveis em: <http://www.unilab.edu.br/como-surgiu/> acesso em 12/04/2017

julho de 2010, e instalada no dia de África em 25 de maio de 2011 conta atualmente com quatro Campi. De acordo com a referida legislação, a UNILAB tem como objetivo ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da CPLP, especialmente os países africanos. Assim como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional. Desde maio de 2014 as atividades administrativas e acadêmicas da UNILAB também se concentram na Bahia, onde a UNILAB está presente no município de São Francisco do Conde graças a um trabalho árduo da ex-prefeita da cidade Rilza Valentim. A chegada destes estudantes gerou muitos comentários e “Estranhamentos” pela população local. No início do ano 2015 chegou a segunda turma, na qual fiz parte. É de salientar que estes estudantes africanos vieram em cumprimento de um dos objetivos da UNILAB, que é proporcionar a integração entre os países africanos da língua portuguesa e o Brasil.

Quando passei pela primeira vez por São Francisco do Conde as crianças me chamaram de angolano, perguntei ao meu tutor por que nos chamavam de angolanos? Ele me disse que até os mais velhos chamam todo mundo de angolano. A partir daquele momento comecei a interessar em descobrir o porquê do termo angolano? Já que a maioria era da Guiné Bissau, mas não de Angola. Enquanto os africanos vieram de países diferentes, realidades diferentes e têm as suas nacionalidades totalmente diferentes, no entanto, estas pequenas distinções são desconhecidas e ignoradas pelos munícipes que simplesmente lhes atribuem o conceito “angolano”. Acontece que no universo de 52 estudantes africanos que compuseram a primeira entrada no Campus dos Malês, só tinha uma única angolana e a esmagadora maioria era da Guiné-Bissau. Contudo todos os africanos eram e ainda são chamados de angolanos. Percebe-se que, cada um enfrentava com uma situação totalmente diferente do outro, embora tenham casos também que se repetem. Não se incomodavam apenas com os conceitos que lhe foram atribuídos, mas também algumas imagens e perguntas preconceituosas acabaram atingindo todos os estudantes africanos direta e indiretamente em São Francisco do Conde.

Acredito que não é apenas a falta da informação ou “ignorância” por parte de alguns brasileiros do Recôncavo Baiano que brotou tudo o que foi listado acima, mas

os fatores históricos e a mídia brasileira também acabam influenciando muito para a criação das mesmas. Portanto, é extremamente importante pesquisar o que originou este conceito e por que destas imagens numa região brasileira de enorme influência africana. Para descobrir as origens dos preconceitos em São Francisco do Conde sobre os africanos o projeto irá pesquisar a sua história, desde os tempos remotos até a mais recente. A pesquisa retratará as relações que o Estado da Bahia/São Francisco do Conde estabeleceu com Angola ao longo do século XVI até o início do século XXI, quando ganharam outra dimensão a partir do governo Lula (2003-2010). No referido período, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com a sua ambiciosa política externa global, intensificou as relações com o continente africano como forma de garantir ao Brasil um lugar de destaque numa nova ordem internacional. Além disso, esta política africana consiste em conquistar o mercado de exportação para as empresas brasileiras, garantir ao acesso a certas matérias primas e obter votos de países africanos na Organização das Nações Unidas (ONU) e outras organizações internacionais. Lula também sublinhou o reconhecimento da presença da herança africana na sociedade brasileira, afirmando que “o Brasil tem um compromisso moral e ético com o continente africano⁴”.

A política de reaproximação do Brasil-África resultou nas relações bilaterais não só pelo discurso culturalista, mas também tem a questão econômica, pois o continente representa um mercado importante para Brasil. Alguns países da África como Nigéria, África do Sul, Argélia e Egito que são os seus principais parceiros econômicos. O perdão brasileiro da dívida dos alguns países africanos segundo Visentini (2003), o Brasil perdoou aproximadamente US\$ 1 bilhão em dívidas para a África durante o governo Lula. O ato realçou muito à estratégia do governo de Lula para a projeção do Brasil no cenário internacional. Nesta política afirmativa de reaproximação com o continente, os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) têm-se tornado prioridade e principais pilares no que se trata das relações de cooperação virada à África, pois cerca de metade dos projetos são realizados nos países africanos da língua portuguesa. Falando nisso Angola vai servir de destaque, procurarei entender as suas relações com o Estado da Bahia em alguns municípios. Outro aspecto muito

⁴ **BBC BRASIL**, O presidente Luiz Inácio Lula da Silva na sua visita a Moçambique em 2008, disse nesta sexta em Moçambique que o governo brasileiro tem um compromisso ético e moral com o continente africano”. Disponível em: >http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/10/081017_lulaencerramocambiquedg_ba.shtml acessado 25/06/2017

mais recente que vale a pena levar em consideração, é a presença das empresas brasileiras no continente negro concretamente em Angola, e a presença dos profissionais franciscanos nestas empresas a fim de ajudarem na sua organização e administração naquele país. Procurar saber se a presença destes profissionais em Angola tem uma explicação para a denominação de todos os africanos de angolanos em São Francisco do Conde; procurar também a partir do processo do tráfico de escravos ou se tudo isso tem a ver com a influência das mídias.

Quanto às relações do Brasil com Angola verifica-se também um grande esforço nas relações de cooperação nas áreas de educação, comércio, construção e defesa, são visíveis na aproximação destes dois países que, em épocas distintas eram colonizados pelos portugueses. Assim o intercâmbio Brasil-Angola iniciou-se no século XVI com o advento do tráfico de escravos, muito mais tarde, a exploração do petróleo depois da independência. É de salientar que o Brasil ficou conhecido no campo político como primeiro país a reconhecer a independência da Angola em 1975. Falando de uma forma concisa das relações na educação, como algo essencial no que tange a presença dos africanos em São Francisco do Conde, o exemplo da UNILAB com quatro campi, o campus dos Malês situado em São Francisco do Conde conta atualmente com 20 estudantes angolanos, provavelmente tenha outros angolanos nas outras universidades baianas como a Universidade Federal da Bahia UFBA.

3 OBJETIVO GERAL

Analisar e compreender os dispositivos sociais que apontem para a generalização dos africanos e os preconceitos dos franciscanos com relação aos estudantes estrangeiros em São Francisco do Conde. O principal objetivo é pesquisar o que possivelmente originou na denominação arbitrária de todos os estudantes africanos de “angolanos” naquela localidade. O estereótipo “angolano” está intimamente ligado à ideia de pensar a África como um país, e a forma de explicar a origem dos negros brasileiros de forma semelhante, isto é, todos os negros têm uma única origem – africana. Mas o termo angolano atribuído a todos os estudantes africanos em São Francisco do Conde precisa de uma explicação, visto que nos séculos XVII a XIX, dados de uma estatística oficial conseguia distinguir a origem dos

escravos africanos em São Francisco do Conde como mostram os dados do livro “Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos” de Pierre Verger. Este livro traz num apêndice as informações sobre as diferenças na origem dos escravos. Neste documento 1.938 escravos em São Francisco do Conde são diferenciados, conforme as suas localidades de origem segundo dados estatísticos dos escravos contraídos nas Tutelas e Inventários da vila de São Francisco do Conde, de dezembro de 1737 a novembro de 1770, (VERGER 1987, P 675).

Todavia, mais de 200 anos passados, no século XXI, os africanos que se fazem presentes nesta mesma localidade, vindos de diferentes países não como escravos, mas como estudantes e estão sendo chamados do modo geral de angolanos. Por isso, o projeto pretende saber por que é que hoje é muito mais difícil para os franciscanos diferenciarem os africanos de acordo com as suas nacionalidades e o porquê do termo “angolano” e não outra nacionalidade africana? Finalmente o objetivo do projeto é contribuir para a desconstrução da ideia de que “todos os africanos são os mesmos; para mim tudo é a mesma coisa” como dizem algumas pessoas, enquanto na verdade são apenas do mesmo continente, porém de países, culturas, e línguas totalmente diferentes.

3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Pretende compreender através das leituras das literaturas que narram a história de São Francisco do Conde e dos franciscanos, assim como compreender o desenrolar da cidade até 2014, momento em que a primeira turma dos africanos instalou no município acima citado. Para os efeitos o projeto esboça os seguintes objetivos específicos.

- Pesquisar a origem do presente pseudo-angolano em São Francisco do Conde-Bahia
- Estudar a literatura científica sobre preconceitos e estereótipos
- Analisar a influência da mídia brasileira na construção das imagens da África no Recôncavo Baiano

- Expor a primeira impressão dos brasileiros em São Francisco do Conde sobre os estudantes africanos
- Retratar o passado histórico e contemporâneo do município e dos municípios.

4 METODOLOGIAS

A pesquisa trata-se de uma análise qualitativa em que será pesquisado as imagens da África e dos africanos no Recôncavo Baiano e conceitos sobre africanos em São Francisco do Conde. As técnicas que serão utilizadas neste trabalho para coleta de dados e para análise das mesmas, será pesquisa bibliográfica. Assim como, efetuar as entrevistas semiestruturais com professores e professoras do ensino médio de São Francisco do Conde, a respeito dos estereótipos dominantes sobre os africanos no município. Entrevistar no mínimo cinco franciscanos que já trabalharam em Angola, para analisar se esta presença pode ter a ver com o conceito angolano atribuído a todos os estudantes africanos no município. Entrevistar também 25 estudantes africanos dos cinco países da África que compõem a Instituto de Humanidades e Letras do campus dos Malês em São Francisco do Conde, com a finalidade de retratar um quadro de estereótipos e preconceitos que têm sido alvos.

Efetuar entrevistas com 40 pessoas idosas homens e mulheres do município para entender como esta camada se lida com a presença dos africanos na cidade, e 45 questionários dirigido para os estudantes universitários da cidade para descobrir o que possivelmente originou termo angolano. Saber se sabem diferenciar os estrangeiros que estão morando na cidade mais de três anos, e saber também como lidam com eles antes e agora. Finalmente procurar as informações a partir da camada juvenil do município, realizar entrevistas com os jovens de 18 a 30 anos de idade e as pessoas comuns de algumas cidades circunvizinhas de São Francisco do Conde como: Santo Amaro, Candeias, Cachoeira São Sebastião de Passé e Saubara. Metodologia utilizada será descritiva, trabalharemos com a leitura de artigos, livros, monografias, dissertações relacionadas com os grandes acontecimentos no passado e na atualidade que marca a presença dos africanos desde o período da escravidão até a data presente. Assim como a influência das mídias. O foco sempre será o Recôncavo Baiano, cidade de São Francisco do Conde, onde os africanos são do

modo geral chamado de “angolano”. Iniciarei a pesquisa a partir de uma breve análise utilizando o método analítico, fazer do modo geral uma análise sobre a convivência dos africanos e franciscanos desde 2014, para melhor buscar uma síntese nos argumentos que apontam a generalização dos africanos por angolanos no pleno século XXI. A pesquisa será desenvolvida em secretária racial do município de São Francisco do Conde, na biblioteca da UNILAB, na biblioteca pública do município. Como também nas revistas online e entre outros lugares que possam servir de fonte para melhor desenvolvimento deste trabalho no futuro.

5 CRONOGRAMA DO TRABALHO

Atividades	2018/2019			
	1º semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre
Coleta de dados bibliográficos	X	X	X	
Fichamento de materiais		X	X	
Entrevistas		X	X	
Análise dos dados			X	
Redigir o trabalho			X	X
Redação Final e Entrega				X

REFERÊNCIAS

Brasil B.B.C disponível em:

http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/10/081017_lulaencerramocambiquedg_ba.shtml acesso 25/06/2017

CAROSO, Carlos; TAVARES, Fátima; PEREIRA, Cláudio. **Baía de Todos os Santos: aspectos humanos**. SciELO-ED UFBA, 2011.

CONSULTA REMÉDIOS (CR). **Ebola: sintomas, o que é, cura, prevenção, tratamento e mais**.

Disponível em: <https://consultaremedios.com.br/crsaude/ebola-sintomas-o-que-e-cura-prevencao-tratamento-e-mais/problemas-de-saude/sua-saude>>acessado 07/07/2017

HERNANDEZ, Leila Leite; HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. Selo Negro, 2005

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE, síntese das informações do município de **São Francisco do Conde** Disponível em:>
><http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=292920> acesso em: 05/07/2017

KI –ZERBO, Joseph. Metodologia e pré-história da África In: _____ **História geral da África**, I.– 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010

MUNANGA, Kabengele. **Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?** *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* 62 (2015): 20-31.

SANSONE, Lívio. **Desigualdades duráveis, relações raciais e modernidades no Recôncavo**: o caso de São Francisco do Conde. *Revista USP*, 2006, 68: 234-251. Disponível em: <http://www.journals.usp.br/revusp/article/viewFile/13495/15313>. Acesso em: 05/07/2016.

SANTANA, Jaciara de. **São Francisco do Conde e o Enigma da Riqueza e Pobreza no Recôncavo baiano**. 150 f. Dissertação (mestrado planejamento territorial e desenvolvimento social) Universidade Católica de Salvador- BA, 2011

SANTO, José Jorge do Espírito, **São Francisco do Conde**, Resgate de uma Riqueza Cultural, São Francisco do Conde, Criscor-Gráfica, 1998

SARAIVA, Sombra Flávio José. **Um Momento Especial nas Relações Brasil-Angola**: Do Reconhecimento da Independência aos Desdobramentos Atuais. Angola e Brasil nas Rotas do Atlântico Sul. Cap. VII, Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 1999

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, disponível em: <http://www.unilab.edu.br/como-surgiu/> acesso em 12/04/2017

VERGER, Pierre. **Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos**. Dos séculos XVII a XIX. 3.^a edição. São Paulo: Editora Corrupio, 1987.

VISENTINI, Paulo Fagundes; Liuz Dario Teixeira Ribeiro; Analúcia Danilevicz pereira. ***História da África e dos africanos***. 2 ed.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

XIMENES, Cristiana Ferreira Lyrio. **Bahia e Angola**: Redes Comerciais e o Tráfico de Escravos 1750-1808. 269 f. Tese (Doutorado) Universidade Federal Fluminense. Niterói 2012